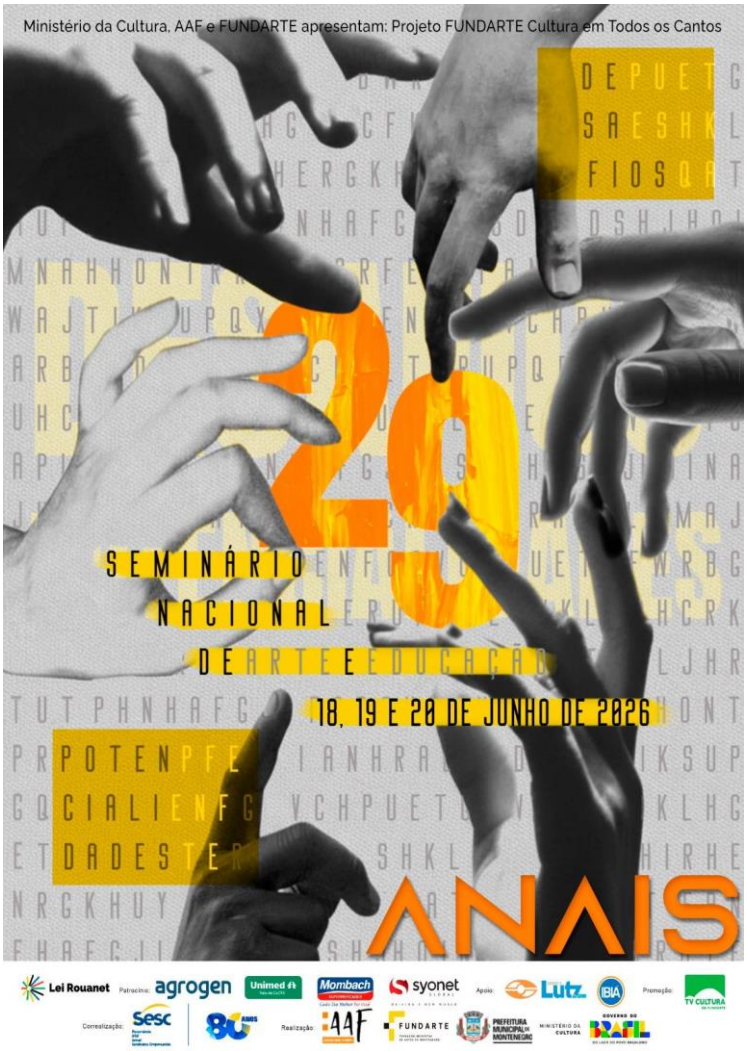

RELATANDO TECNOLOGIAS E DESAFIOS DA EXPERIMENTAÇÃO NA ARTE-EDUCAÇÃO: UM ATELIÊ E A INQUIETAÇÃO DIANTE DO CRIAR

Arth Sousa Silva Lopes
Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Arroio dos Ratos/UFRGS, Brasil

Madson Santos
Faculdade Líbano - Coronel Fabriciano/MG, Brasil

Raquel de Jesus Freitas
Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém/PA, Brasil

Eixo temático: Tecnologias

LOPES, Arth Sousa Silva. SANTOS, Madson. FREITAS, Raquel. RELATANDO TECNOLOGIAS E DESAFIOS DA EXPERIMENTAÇÃO NA ARTE-EDUCAÇÃO: UM ATELIÊ E A INQUIETAÇÃO DIANTE DO CRIAR. **Anais**....29º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE- ISSN 2359-6120. Montenegro,e1954 Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Resumo

O presente relato de experiência aborda a atuação de uma equipe educativa criadora do Ateliê das Gambiarras Educativas, desenvolvido no Centro Cultural Bienal das Amazônias (CCBA), como espaço de experimentação artística e educativa. A partir das vivências da equipe, o relato apresenta reflexões sobre os desafios da prática educativa em ambientes expositivos, especialmente no incentivo à participação ativa do público por meio de atividades criativas e manuais. O tema central consiste na análise das potencialidades e dos obstáculos da arte-educação voltada ao público e suas diversidades, As experiências evidenciam como fatores sociais, culturais e de gênero influenciam a disposição para a experimentação artística, destacando a resistência de muitos adultos ao desenho e a outras formas de expressão criativa. A experiência do ateliê demonstra que a arte-educação pode favorecer a construção de sentidos, a autonomia criativa e a democracia cultural, acolhendo públicos diversos em um ambiente de troca e aprendizagem. Conclui-se que a arte-educação em espaços não formais deve promover ambientes seguros e afetivos, capazes de estimular a reconexão das pessoas com sua expressividade. Mais do que ensinar técnicas, o papel da arte-educação é criar condições para que visitantes resgatem sua criatividade e fortaleçam sua relação com a arte.

Palavras-chave: arte-educação; ateliê; tecnologias e democracia cultural.

1. Nossas experiências a partir do convite a criação - um ateliê, alguns desafios

Este relato de experiência apresenta e descreve analiticamente uma vivência profissional na arte-educação. Essa vivência permite que a pessoa leitora reflita sobre os enfrentamentos do cotidiano para contribuir com a geração de conhecimento em sua área de atuação. Este texto surge das experiências vividas e de inquietações que a equipe em parte aqui autora tem experimentado atuando como pessoa arte-educadora no Centro Cultural Bienal das Amazônias (CCBA).

Nesta instituição, são desempenhadas funções voltadas ao desenvolvimento de atividades como oficinas e minicursos, baseando-se na mediação cultural. Dentre os espaços de atuação, se destaca o "Ateliê Gambiarras Educativas", um ambiente aberto ao público, gerido pelas arte-educadoras da Equipe Educativa, com o intuito de proporcionar uma atividade educativa de imersão relacionada às visitações das exposições.

O objetivo principal deste relato é promover uma reflexão sobre os desafios da arte-educação prática com o público adulto e suas intersecções de marcadores sociais como o gênero, que frequentemente demonstra recusa em participar de atividades manuais e expressivas, especialmente aquelas que envolvem o desenho.

Alguns adultos se dispõe a visitar espaços expositivos buscando muito mais evocar saberes prévios do que exatamente experimentar visões e interpretações do mundo.

1.1 Porque existe um ateliê numa exposição?

O ateliê gambiarras educativas foi pensado a partir do universo criativo das gambiarras de Emmanuel Nassar, artista convidado para exposição em 2026 no CCBA. Esta experimentação educativa apresentou grande impacto em como nos relacionamos com os visitantes, devido ao seu contexto educativo dentro de um espaço expositivo, delimitar seus espaços e adentrar numa seara de comunicação direta com os visitantes interconectando o trabalho de mediação cultural com uma atividade manual, proporciona momentos ricos de aprendizado.

Como já constatado, as pessoas não entram numa exposição de arte contemporânea vazias de conhecimentos, influências e do seu próprio olhar crítico, o papel da mediação não é convencer a pessoa visitante de que aquilo é arte, e sim de se conectar a partir do repertório cultural em comum, essa comunicação entre visitante e educador precisa ser sensível e mútua por isso é importante a composição de uma equipe diversa, que tenham repertórios culturais variados, formações em diferentes áreas e que suas identidades que possam gerar identificação com o público visitante, esta noção norteia o fazer de gestão educativa do CCBA que parte do princípio da democracia cultural.

O fazer educativo dentro do ateliê parte de uma atividade prática com materiais cotidianos e uma premissa bem elaborada, poder explorar ainda mais o universo crítico das pessoas que visitam a exposição, para que este espaço não se limite apenas ao campo da fruição, da observação e mas sim da criação, da agência e protagonismo artístico. Conduzir a uma atividade prática é proporcionar um espaço para que idéias possam ser elaboradas, todo indivíduo é um ser criativo, e ao ser

estimulado ele exercita seu senso estético e seu senso crítico e isso o permite ver além do que está posto, além do que as imagens e os signos apresentam, o repertório cultural de cada um se comunica através dessa arte e ter um ambiente seguro ainda dentro do espaço de exposição permite que essas etapas se tornem ainda mais cotidianas, criar e inventar precisa ser cotidiano. Usar esse lugar de exposição e ainda mais se tratando de um Centro Cultural se torna ainda mais necessário, para que essa energia criativa não se perca, entrar em uma exposição precisa ser transformador em algum grau.

1.2 Contexto e metodologia da ação

As ações ocorrem de forma contínua no CCBA, de forma que se caracteriza por encontros com o público que transita pelo espaço. No Ateliê Gambiarras Educativas, disponibilizamos diversos materiais para que os visitantes possam elaborar suas produções, servindo como uma extensão prática e reflexiva daquilo que experimentam nas exposições.

O funcionamento do ateliê obedece a uma grade de horários pensada para abarcar diferentes fluxos de visitantes. Abrimos durante a semana, de quartas e quintas-feiras, em dois horários: pela manhã, das 10h às 12h, e à tarde, das 15h às 17h. Nas sextas e sábados, mantemos o horário matutino (10h às 12h), porém estendemos o horário vespertino até às 17h30. Aos domingos e feriados, o espaço também abre no período da manhã, exceto quando há alguma outra atividade educativa concorrente na programação.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, já oferecemos ao público diversas atividades sequenciais, que incluem, respectivamente: Colagem em Papel Kraft, criação de Marcadores de Páginas, Lettering e Tags Graffiti, Cartoons e, por fim, Stickers/Adesivos. A abordagem metodológica visa não apenas a técnica pela técnica, mas a fruição e a construção de significados. A mediação cultural atua aqui como uma ponte, entendendo que o ato de mediar é promover encontros com a arte, gerar engajamento, estranhamento e instigar a pessoa à criação.

2. Perfis do público, seus limites e liberdades para exercitar a experimentação

Os visitantes do centro tem perfil diverso, entre gênero, classe, raça e idades. Entre os adultos que visitam o centro, a grande maioria dos participantes que se engajam na atividade são mulheres cis e grupos a partir de 3 pessoas. Entre os casais compostos por um homem e uma mulher - héteros, há um certo receio em encarar a atividade e uma grande resistência da parte masculina em se entregar de imediato à atividade. É percebido que a cisnormatividade masculina do estereótipo bruto, sem sensibilidade ou flexibilidade de erros impossibilita a experimentação da criatividade.

Há que se destacar também o fato de que quando Famílias se deparam com o espaço do ateliê, que é também um espaço onde a equipe de arte educação expõe alguns dos resultados de oficinas passadas, um ambiente mais colorido que tem materiais como canetinhas hidrocor, papel, tesoura e cola, existe a tendência de se acreditar que aquele espaço é um espaço exclusivamente infantil, e isso dá a abertura para o gesto excludente de deixar a criança em um espaço lúdico vazio de valor educativo.

Figura 1 — ateliê das gambiarras educativas



Fonte: Ana Dias, 2025.

A idéia é justamente que a partir do que a exposição apresenta, qualquer pessoa possa participar de uma atividade que ative sua criatividade por uma pessoa arte-educadora, e inclusive é contra as regras do Ateliê das gambiarras que crianças participem desacompanhadas, é essencial que o tutor ou algum responsável participe junto, para garantir que todos estejam cientes do que será abordado com o menor, nosso Ateliê trabalha com muitas sensibilidades e memórias afetivas por isso nossa maneira de conduzir a pessoa participante é sempre pela procura do caminho mais didático e acessível que pudermos. Nossa equipe atua com ateliê desde 2025 e algumas pessoas que já conhecem o espaço, o visitam sabendo que haverá uma atividade disponível, outras se surpreendem com a existência dele.

Nesses dois anos de atividades o ateliê se apresentou como um espaço bem abrangente, já recebemos várias pessoas, com destaque para grupos menores que visitam nossas exposições, como exemplo a “Casa Rua” que é um espaço de acolhimento de pessoas em situação de rua, o Núcleo de Altas Habilidades e Superdotação (NAAHS) do Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) o Núcleo de Atenção ao Idoso da Marinha (NAIM), além de outras instituições do ensino básico e ensino superior, essa flexibilidade com o público diverso é o exemplo de como a arte-educação deve ser inclusiva e libertadora e é papel de centros culturais promover os princípios da democracia cultural.

Figura 2 — Públicos diversos



Fonte: Juana Borges, 2025.

3. Desenvolvimento e reflexões: a "deseducação" do desenho

No nosso cotidiano do Ateliê existe uma diversidade de pessoas que adentram o espaço, várias idades e gêneros, porém o que é mais comum é a presença de jovens e adultos. Um fato importante sobre este recorte das pessoas adultas é que estas normalmente se autolimitam da experiência prática por acreditar que a atividade é voltada para o público infantil, ou questionam a sua capacidade e se têm tempo. quando na verdade é um espaço livre para todos independente de idade, gênero e classe social, sendo uma atividade com passo a passo simples e com tempo de participação curto todas essas justificativas, se apresentam infundadas, e no momento que apresentamos a dinâmica e como funciona o espaço do ateliê das gambiarras educativas as pessoas tendem a ceder. Em contrapartida, pessoas mais jovens, crianças e idosos se propõem a participar e com empolgação, não à toa resultados super interessantes podem ser observados dessas interações.

A vivência no ateliê tem sido um terreno extremamente fértil para reflexões acerca do comportamento do público, principalmente no que diz respeito à participação das pessoas adultas. Diferente das crianças, que habitualmente se lançam às experimentações com os materiais disponibilizados, o público adulto apresenta uma forte barreira, manifestando uma certa recusa frente às proposições.

Essa resistência tornou-se evidente nas atividades que requerem o desenho livre ou estruturado, como foi o caso da nossa oficina de *Cartoons*. A partir da observação diária, passei a refletir que esse fenômeno está intimamente ligado a um processo de "deseducação" em relação à arte do desenho que ocorre ao longo da vida. Da infância e adolescência para a vida adulta, o indivíduo moderno vai sendo moldado por uma racionalidade utilitarista, onde o conhecimento é centrado puramente na intelecção, deixando os sentidos e os sentimentos em segundo plano, gerando um distanciamento da produção desse tipo de arte.

Curiosamente, esse distanciamento não é um privilégio apenas do público visitante. Enquanto pessoa arte-educadora, eu, Arth percebi que essa dificuldade também me atravessa. Encontro em mim mesma um distanciamento e uma certa dificuldade de me apropriar e propor atividades que envolvam o desenho. Essa vulnerabilidade reflexiva é um ponto crucial desse meu relato, pois evidencia que a

mediação cultural não é um processo unilateral de quem "detém o saber" para quem "não sabe". Trata-se de um ato dialógico, em que tanto a pessoa arte-educadora quanto o visitante carregam suas próprias bagagens, inseguranças e "anestesias".

Considerações

A experiência no Ateliê Gambiarras Educativas do CCBA revela que a prática da educação em espaços não formais vai muito além de disponibilizar materiais e sugerir técnicas. O grande desafio com o público adulto é reativar a educação do sensível, desconstruindo a ideia de que a arte e o desenho pertencem apenas à infância ou aos grandes artistas.

Compreender que as pessoas são, de fato, distanciadas da sua expressividade gráfica na vida adulta me ajudou a ser mais tolerante com a recusa do público, além de me convidar a olhar com mais generosidade para a minha própria dificuldade de lidar com o desenho. Desse modo, sugiro que o nosso papel enquanto arte-educadoras não é forçar uma participação, mas construir ambientes afetivos de troca, onde o visitante sinta segurança para, aos poucos, resgatar os traços, as formas e as cores que foram silenciados pela rotina. A mediação não encerra ali, ela reverbera na vida dessas pessoas, lembrando-nos que o espaço do Centro Cultural e do ateliê deve ser, acima de tudo, um lugar de reconexão.

Referências:

BARBOSA, Ana Mae. COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação com mediação cultural e social**. Editora Unesp. São Paulo. 2009.

GABRIEL, Fábio Antonio. **Mediação: fundamentos e práticas educativas.** Editora InterSaberes, 2024.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Editora: Vozes Ltda. Petrópolis, RJ 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa.** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Nome do Autor: Arth Souza Silva Lopes
Minibiografia: ARTH é pessoa não-binária, afro-amazônida, multiartista, artivista, pesquisadora e arte-educadora, nascida e criada na periferia entre o Jurunas e o Condor, em Belém (PA). Atualmente, é mestranda no Mestrado Profissional em Artes da Cena (parceria Escola Superior de Artes Célia Helena e Escola Itaú Cultural, na Turma Especial: Laboratório em Artes e Mediação Cultural), especialista em Artes (UFPel), graduada em Letras (UFPA) e com formação técnica e superior em Teatro (ETDUFPA/UFPA). Atua como arte-educadora no Instituto Bienal das Amazônias e transita entre o palco e a rua nas áreas de Artes, Cultura e Sociedade. Como atriz-criadora, desenvolve dramaturgias pretas e amazônidas a partir de vivências periféricas, além de integrar o movimento Hip-Hop como slammer e idealizadora do SLAM COMPARÊNCIA, no bairro do Guamá.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6279-1093
E-mail: arthcenicas@gmail.com

Nome do Autor: Madson Douglas Silva dos Santos
Minibiografia: Graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Pará (2023). Especialista em Transtorno do Espectro Autista pela Faculdade Líbano, Cursando especialização em Arteterapia pela Faculdade Líbano. Atua como Arte-educador no Centro Cultural Bienal das Amazônias (CCBA) desenvolvendo formações, oficinas e rodas de conversa.
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-0525-0743
E-mail: madson.appler@gmail.com

Nome do Autor: Raquel de Jesus Freitas
Minibiografia: Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (2023); Especialista em promoção de políticas públicas em gênero e sexualidade na Amazõnia - PPGDDA UFPA (2025); Mestranda do Programa de sociologia e antropologia UFPA. Atualmente é coordenadora educativa do Centro Cultural Bienal das Amazônias, atuando também como produtora cultural de movimentos periféricos e das baixadas de Belém-PA.
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-0988-1026
E-mail: raquelfcientistasocial@gmail.com